ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

A SEMIOTIZAÇÃO TEXTUAL EM ARTIGOS DE OPINIÃO DA MÍDIA

The textual semiotization in the opinion articles media

Thiago Jorge Ferreira Santos[i]
Universidade de São Paulo

Resumo: Este estudo objetiva analisar alguns exemplares do gênero artigo de opinião *online*, a fim de verificar a semiotização textual para a construção do ponto de vista. Para o estudo, foram analisados cinco artigos de opinião de dois diferentes *sites* de jornais *online*. Para a análise utilizamos a teoria desenvolvida por Jean-Paul Bronckart (1999), a qual entende a organização do texto como um folhado constituído por três camadas superpostas. Primeiramente, analisamos a infraestrutura geral do texto, que compreende os seguintes parâmetros: o tipo de discurso predominante e as sequências textuais. Depois, analisam-se os mecanismos textuais que compreendem as conexões, a coesão nominal e verbal. Por fim, analisamos os mecanismos enunciativos, onde são verificadas as vozes e as modalizações.

Palavras-chave: Interacionismo sociodiscursivo, gênero textual artigo de opinião; Análise do Discurso.

Abstract: This study aims to analyse the textual genre online opinion article, in order to verify the textual semiotization for the construction of the point of view. For the study, five opinion texts of two different newspaper sites were analysed. For the analysis, we use the theory developed by Jean-Paul Bronckart (1999), which understands the text organization as a three-layered model. Firstly, we analyse the general structure of the text, which has the following parameters: the main kind of discourse and the textual sequences. Afterwards, we analyse the texts mechanisms, considering connections, nominal and verbal cohesion. Finally, we analyse the enunciative mechanisms, to verify the presented voices and modalizations.

Keywords: Sociodiscoursive Interactionism; textual genres; opinion article genre; Discourse Analysis.

Introdução

Os principais estudos sobre gêneros textuais/discursivos foram sendo inspirados relativamente há pouco tempo, após a divulgação das obras do Círculo de Bakhtin. De acordo com Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p. 8), os gêneros textuais passaram a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais, possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos e, ao mesmo tempo, trazendo elementos conceituais viabilizadores de uma ampla revisão de todo o aparato teórico da Linguística; sendo considerável a ascensão de pesquisas que envolvem os gêneros do discurso ou textuais no campo da Linguística Aplicada (LA).

Nesse sentido, este artigo objetiva estudar o gênero textual artigo de opinião em Língua Portuguesa, esperando que este estudo possa servir de apoio para professores de Língua Materna (LM) na preparação de suas aulas e para terem um estudo, em mãos, a partir do qual possam compreender como esse gênero textual é estruturado e organizado em suas características linguísticas e enunciativas.

Para tal objetivo, necessitávamos de um aparato teórico-metodológico que contemplasse o texto não somente nos seus aspectos linguísticos ou enunciativos, mas também o considerasse como uma verdadeira ação comunicativa, na qual a língua seria semiotizada em vista de um objetivo. Foi na teoria do Interacionismo sociodiscursivo (ISD) que encontramos este modelo (à frente detalhado) completo para a análise linguística, enunciativa e psicológica dos textos.

O ISD repensa o conceito de gênero desenvolvido por Bakhtin; Voloshínov (2003) afirmando que a ação de linguagem é realizada pelo uso dos gêneros disponíveis em uma dada formação social. Dessa forma, os gêneros textuais são construtos históricos, os quais se modificam na medida em que as questões sociocomunicativas evoluem, ou seja, para o ISD os gêneros textuais não são formas fixas.

Assim, os gêneros textuais nascem, desaparecem ou modificam-se de acordo com as transformações que ocorrem na sociedade, havendo muitos critérios tanto literários quanto linguísticos para nomeá-los e classificá-los. Cada falante de uma determinada língua conhece alguns gêneros textuais de sua formação social e sabe nomeá-los, mesmo que esse falante não conheça as características estruturais e textuais desses gêneros. O falante sempre usará os gêneros textuais adaptando-os "aos valores particulares da situação em que se encontra" (MACHADO, 2004, p. 25), quer dizer, os falantes não reproduzirão pura e simplesmente o modelo do gênero.

Bronckart (1999) entende que os gêneros textuais são artefatos históricos escolhidos para a realização de uma ação de linguagem, que reúnem as representações de um agente sobre o contexto de uso numa dada situação de linguagem. Schneuwly (1994) trabalha essa mesma noção de gêneros, aplicando-a no âmbito do ensino-aprendizado de línguas, e lembra que os gêneros textuais se constituem como ferramentas do agir, entendendo que a atividade humana envolve um sujeito que age sobre objetos ou situações, utilizando-se de objetos específicos sócio-historicamente elaborados.

Os gêneros podem ser classificados por vários critérios, como por exemplo, pelo suporte material em que são circulados. Nos gêneros

classificados como gêneros textuais, verifica-se uma regularidade, ao menos imparcial, em sua composição interna por marcas linguísticas, que são segmentos da língua semiotizados (BRONCKART, 1999, p. 75). Essas formas linguísticas estão associadas à construção das coordenadas de mundos virtuais diversos do mundo empírico do agente produtor (BRONCKART, 1999, p. 92).

Na sequência, começaremos a descrição do gênero textual artigo de opinião *online* utilizando o modelo de análise de textos proposto por Bronckart (1999). Esse modelo tem uma primeira preocupação em descrever o contexto de produção em que os textos estão inseridos e, em seguida, descrever a arquitetura interna dos textos.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresentaremos o contexto de produção dos artigos para, posteriormente, mostrarmos os resultados das análises da organização interna dos artigos de opinião, comentando-as à luz de nosso quadro teórico; essa parte está subdividida segundo os níveis de análise propostos pelo ISD.

O contexto de produção dos artigos de opinião

Antes de começarmos a exposição de nossas análises, discorremos sobre o *corpus* escolhido e a respeito do contexto de produção dos artigos.

Em nossa pesquisa, preferimos trabalhar com artigos de opinião que abordaram o mesmo conteúdo temático, a fim de verificarmos como um texto dialoga com outros na discussão de um dado assunto polêmico. Para tanto, consultamos dois jornais *online*, "Folha de S. Paulo" e "Estado de S. Paulo", nos quais encontramos muitos artigos sobre assunto polêmicos; no entanto, o que mais nos interessou foram os textos que tratavam dos oito anos do governo Lula, a saber:

CONTEXTO FÍSICO E SÓCIO-SUBJETIVO DE PRODUÇÃO				
TEXTO	**TÍTULO**	**DATA DE PUBLICAÇÃO**	**EMISSOR/ENUNCIADOR**	**RECEPTOR**
1	**Lulamania, o teste**	16/12/2010	Sérgio Malbelgier/ Jornalista, articulista da Folha online	Leitores da Folha de S. Paulo online e do Estado de S. Paulo online
2	**Lula, nem ótimo nem bom**	06/01/2011	Roberto Macedo/ Economista; Professor da FAAP e Vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo	
3	**Gestão Lula, sucesso ou desastre?**	04/11/2010	Hélio Schwartsman/ Bacharel em Filosofia e articulista da Folha online	

4	**Nada será como antes**	25/12/2010	Marco Aurélio Nogueira/ Professor de Teoria Política da UNESP
5	**Saudades do Lula**	03/01/2011	Clóvis Rossi/ Jornalista

Organização Interna

O plano global de um texto pode ser entendido com um resumo, ou seja, a maneira pela qual o produtor organiza o assunto que quer tratar. É no plano geral que identificamos os tipos de discursos utilizados e as sequências que compõem o texto.

O eixo do argumentar discute problemas sociais sobre os quais há muitas divergências, implicando, desse modo, sustentação, refutação e negociação de tomada de posição. Aquele que vai argumentar revela o seu ponto de vista, justificando o porquê de determinada tomada de posição (DOLZ; SCHNEUWLY, 1996 *apud* SOUZA, 2009). Assim, o gênero textual artigo de opinião pertence ao eixo do argumentar, que tem os seguintes elementos:

a) Inicia-se com um desacordo ou controvérsia;
b) Aquele que argumenta toma posição sobre a questão e convence o seu leitor a aderir ao seu ponto vista ou convence-o de modificar o que tinha. Para tanto, organiza os argumentos e interpreta dados;
c) O argumentador precisa conhecer a posição do destinatário ao qual ele se dirige.

Tipo de discurso

Bronckart (1999), seguindo Weinrich (1973, *apud* Bronckart, 1999), toma a tese dos mundos discursivos propondo algumas mudanças. Weinrich opõe o mundo narrado ao mundo comentado, ou seja, os mundos do NARRAR e os mundos do EXPOR, referindo-se este às operações de construção das coordenadas que organizam o conteúdo temático num texto que são conjuntas à construção das coordenadas de mundo ordinário da ação de linguagem; e aquele quando as operações de construção das coordenadas gerais são apresentadas de maneira disjunta, isto é, quando o conteúdo temático se refere a fatos passados ou futuros.

No cruzamento das características dos dois mundos discursivos, do NARRAR e do EXPOR, Bronckart (1999) define quatro tipos de discursos:

NARRAR implicado e NARRAR autônomo; e EXPOR implicado e EXPOR autônomo.

Para compreender os conceitos de implicado ou autônomo, é necessário remeter aos estudos de Benveniste (1976) sobre discurso e história. Baseando-se nesses estudos, Bronckart (1999) sustenta que o texto é IMPLICADO quando ele implica os parâmetros de ação de linguagem, com referências dêiticas a esses parâmetros, integradas ao conteúdo temático, sendo que para compreendermos este texto devemos estudar as suas condições de produção. Quando o texto possui uma relação de independência com os parâmetros de ação de linguagem, Bronckart (1999) afirma que ele é AUTÔNOMO desses parâmetros e sua compreensão não requer que saibamos suas condições de produção.

Tendo estes dois subconjuntos (NARRAR e EXPOR / IMPLICADO e AUTÔNOMO) em vista, podemos definir os quatro tipos de discurso segundo Bronckart (1999):

- o mundo do NARRAR implicado (relato interativo)
- o mundo do NARRAR autônomo (narração)
- o mundo do EXPOR implicado (discurso interativo)
- o mundo do EXPOR autônomo (discurso teórico)

A leitura dos artigos de opinião mostra um movimento entre os dois eixos, o do NARRAR e o do EXPOR. Por meio desse movimento é possível entrevermos o ponto de vista do articulista do texto. Segundo Bronckart (2003, p. 154), no eixo do NARRAR "o mundo discursivo é situado num outro lugar, mas esse outro lugar, entretanto, deve permanecer como um mundo parecido, isto é, um mundo que deve ser avaliado ou interpretado pelos seres humanos que lerão o texto". Nos artigos de opinião que analisamos, a avaliação à qual se refere o autor nos é percebida por meio dos efeitos do uso do eixo do EXPOR segundo Bronckart (2003, p. 154):

> A ficção nos mundos da ordem do EXPOR será geralmente objeto de uma avaliação baseada exclusivamente nos critérios de elaboração e de validação dos conhecimentos no mundo ordinário, podendo os elementos ficcionalizados expostos serem considerados, conforme o caso, como *falsos, delirantes*, ou ainda, como hipóteses heurísticas mais ou menos criativas e mais ou menos credíveis.

Desse modo, o mundo do EXPOR é utilizado no gênero textual artigo de opinião para mostrar uma avaliação com relação ao conteúdo temático e esse ponto de vista nada mais é do que a opinião do articulista. A evidência desse movimento entre os dois eixos é verificada pelos dois

tipos de discurso mistos que encontramos em nosso *corpus*; o misto narrativo-teórico e o misto interativo-teórico, como vemos no fragmento abaixo:

(1) **[Lula] Surfou** em duas ondas muito favoráveis. A externa, um crescimento ímpar da economia mundial, trouxe não só um melhor desempenho do produto interno bruto (PIB), **mas também** a superação de grave problema com **que o Brasil se deparava havia muitas décadas**, a tal escassez de divisas, responsável por muitas crises econômicas. **Hoje** sobram reservas e a última crise, que veio em 2008, não foi por falta delas, mas por contenção do crédito e de nossas exportações. O Brasil **então** escapou ao tradicional choque externo, com forte desvalorização cambial, aumento da inflação, dos juros, da dívida publica e pedido de socorro ao FMI. (O ESP)

Neste trecho de um dos artigos de opinião de nosso *corpus*, vemos que, após o tipo misto narrativo-teórico, há o discurso interativo-teórico. O articulista primeiro faz uma disjunção das coordenadas da ação de linguagem para mostrar que o crescimento econômico a que muitos atribuem a Lula foi, na verdade, um momento de bonança que a economia mundial passara e não consequência de ações estratégicas do presidente. Todos os conectores lógicos argumentativos são característicos do tipo de discurso teórico e o marcador temporal "hoje" mostra a separação entre o mundo do NARRAR e o do EXPOR. Ainda sobre esse movimento entre os tipos mistos:

(2) Os preconceituosos que **me** perdoem, **mas Lula foi o maior presidente do Brasil até aqui**. E justamente pelo motivo que o diferencia de todos os seus antecessores: sua origem. Lula foi o nosso primeiro presidente oriundo da base da base da pirâmide social. **Ele trouxe** um senso de urgência **e** uma visão do país que nossos outros presidentes não trouxeram: a do Brasil miserável, cujos problemas são urgentes há séculos **e** cujas soluções são a chave para o progresso. (FSP)

Aqui, temos as mesmas características do tipo misto narrativo-teórico identificadas no trecho (1). No entanto, o discurso interativo aparecerá por meio do pronome "me" que remete ao próprio articulista e o coloca em conjunção com a ação de linguagem que está efetuando. E, juntamente com o conector "mas", o discurso interativo se tornará o misto interativo-teórico.

Além dos dois tipos mistos, encontramos o discurso teórico, quando o articulista elenca premissas e argumentos como, por exemplo:

(3) O número final do crescimento do PIB em 2010 deve ficar perto de 7%, e **certamente** se vangloriará disso, mas esquecendo o buraco de 2009, o que levará a uma taxa média próxima de 3,5% nos dois anos, ridícula se comparada à de

países **realmente empenhados em crescer**, como a China e a Índia, a primeira, aliás, com suas importações ajudando muito o Brasil. (O ESP)

Os dois modalizadores em destaque são dois indicadores do tipo de discurso teórico, pois é comum a presença de modalizações lógicas nesse tipo de discurso. Por meio dos dados numéricos concretos mostrados foi possível ao articulista asseverar tão veementemente sobre o que discorre.

Há, também, alguns trechos do tipo de discurso interativo que mostram ou uma escrita mais dialogada com o leitor, ou para se aproximar ou se afastar do conteúdo temático. No trecho a seguir, Clóvis Rossi mostra a proximidade que tinha com os ministros de Lula e com o próprio presidente, como constado em outros trechos do mesmo artigo.

(4) **Vou** sentir saudades também de Celso Amorim, outro que **conheço** desde muito antes de ser "o melhor chanceler do mundo", conforme escolha de uma publicação estrangeira. Amorim é um profissional brilhante, mas **não creio** que haja "melhor do mundo" no que quer que seja. Cada um tem momentos melhores e não tão bons. Mas **devo** a Amorim um "furo" que a Folha não aproveitou, **sei lá porque.** (FSP)

Tipos de sequência

Com relação às sequências textuais, Bronckart (1999) retoma e reformula o conceito de sequência de Adam (1992), que classifica cinco tipos de sequências textuais, ao passo que, para Bronckart, as sequências se distribuem em seis tipos, pois, além da sequência argumentativa, dialogal, descritiva, explicativa e narrativa, ele inclui a sequência injuntiva. Segundo Machado (2005, p. 247), as sequências textuais apresentam características em diferentes níveis:

- no nível semântico-pragmático, as sequências são modos do agente produtor do texto (re)construir, no mundo discursivo, os elementos do mundo ordinário, tendo em vista seus destinatários e os efeitos pretendidos.
- no nível morfossintático, elas se caracterizam por apresentar um número de fases, marcadas por unidades lingüísticas.
- no nível psicológico, elas implicam operações discursivas desenvolvidas pelo produtor para organizar os conteúdos.
- no nível teórico, as sequências não são modelos imutáveis, mas sim construtos teóricos derivados de análises.
- no nível de sua relação com os tipos de discurso, elas são determinadas pelos *tipos de discurso,*sendo que em cada um dos tipos de discurso há o predomínio de determinadas sequências

No corpus analisado, encontramos, predominantemente, dois tipos de sequências textuais: as argumentativas e o *script*. Primeiramente,

recuperemos todo o artigo "Lulamania, o teste", escrito pelo jornalista Sergio Malbergier.

(5) De cerimônia oficial em cerimônia oficial, Lula vai celebrando sem muita cerimônia o final de sua era com os costumeiros autoelogios e um inusitado e volumoso balanço de seu governo registrado em cartório, cuja íntegra está disponível no site da Secom (secom.gov.br)
Se o nosso presidente não fosse o democrata que é, suspeitaria de um culto à personalidade extemporâneo. Prefiro crer, porém, que seja o justo registro de um espantoso êxito.
❶Os preconceituosos que me perdoem, mas Lula foi o maior presidente do Brasil até aqui.
E justamente pelo motivo que o diferencia de todos os seus antecessores: sua origem. ❷Lula foi o nosso primeiro presidente oriundo da base da base da pirâmide social. Ele trouxe um senso de urgência e uma visão do país que nossos outros presidentes não trouxeram: a do Brasil miserável, cujos problemas são urgentes há séculos e cujas soluções são a chave para o progresso.
Esse input mostrou-se fundamental para destravar o país.
❸Mesmo com um discurso muitas vezes acusatório em relação às elites, Lula entendeu finalmente que não a luta, mas a união de classes seria a chave do desenvolvimento brasileiro.
❷Como Vargas, pai dos pobres, mãe dos ricos, Lula colocou os dois extremos do país no mesmo eixo de desenvolvimento.
Seu abraço ao capitalismo anulou a bestialidade da esquerda, fechou o consenso em torno da estabilidade político-econômica e liberou o nosso potencial. Sua sensibilidade biográfica o levou a valorizar o salário mínimo, as transferências de renda e o controle da inflação. Mais de 30 milhões de brasileiros emergiram da pobreza ao consumo, fortalecendo nosso mercado interno e dinamizando toda a economia.
❹Oito anos depois do pânico que a eleição de Lula causou no mercado (e como o mercado estava errado), o Brasil vive o melhor momento de sua história. Nossos defeitos, tão colossais quanto óbvios, são o mapa para o avanço. Os 16 anos de Fernando Henrique Cardoso e Lula deram ao país rumo claro e confiança para enfrentá-los. (FSP)

Neste artigo do *corpus* recolhido, encontramos uma sequência argumentativa completa: em ❶ temos a fase da introdução da tese, em ❷ a fase do uso dos argumentos usados pelo articulista, em ❸ a fase dos contra-argumentos para concluir a argumentação em ❹. Como podemos perceber no artigo em questão, há o uso de mais uma fase dos argumentos para reforçar a tese e invalidar os contra-argumentos elencados. Nos textos que analisamos, notamos que a introdução dos contra-argumentos serve, sobretudo, para validar os argumentos, assim como vemos no artigo em questão e no fragmento a seguir:

(6) O número final do crescimento do PIB em 2010 deve ficar perto de 7%, e certamente se vangloriará disso, **mas** esquecendo o buraco de 2009, o que levará a uma taxa média próxima de 3,5% nos dois anos, ridícula se comparada à de

países realmente empenhados em crescer, como a China e a Índia, a primeira, aliás, com suas importações ajudando muito o Brasil. (O ESP)

Observamos outras possíveis relações entre as fases da sequência argumentativa, como, por exemplo, o uso de várias fases ❶ com os seus respectivos argumentos, tendo, no entanto, uma mesma conclusão ao final do texto. Desse modo, o texto se torna mais complexo, uma vez que o articulista tem vários pontos de vista que convergem para uma única conclusão. Observemos os seguintes fragmentos:

(7) Passada a eleição, acho que é hora de um balanço dos oito anos de Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência da República. Façamo-lo pelo método cebola, que é o de analisar por camadas. (FSP)

Em (7), o articulista apresenta o modo pelo qual ele organizará o conteúdo temático do texto, por meio de "camadas", que são as seguintes:

(8) Numa primeira leitura, a administração foi um sucesso. Provam-no os mais de 80% de popularidade obtidos pelo mandatário e, principalmente, o fato de ter conseguido fazer seu sucessor, mesmo sendo ele Dilma Rousseff.

Numa segunda camada, porém, acho que dá para afirmar que o PT não é o único --e nem mesmo o principal-- artífice da bonança econômica.

A terceira camada é mais difícil de descascar. São os gomos da ética. No espaço de menos de dois anos, entre o início da administração, em 2003, e a eclosão do escândalo do mensalão, em 2005, o PT passou de partido principista, que não admitiu nem mesmo participar do "espúrio" colégio eleitoral que elegeu Tancredo Neves e pôs fim ao ciclo autoritário, a legenda pragmática radical, que se alia sem hesitar aos Sarneys, Collors e Renans deste país. (FSP)

Cada uma dessas camadas é uma tese diferente defendida pelo articulista, tendo em todas elas argumentos que as defendam. A fase ❹ é a mesma para todas as teses apresentadas, a saber:

(9) Nesse meio tempo, é claro, estamos melhorando, embora não na velocidade desejável. Um setor tão fundamental como a educação ainda se ressente de uma revolução qualitativa. Mas melhorar é a ordem natural das coisas. Exceto em casos de guerra ou de crises catastróficas, a humanidade caminha sempre para a frente. Muito mais raros --e preciosos-- são aqueles líderes que introduzem ou dão substância a mudanças de paradigma, seja na economia, na política ou nos costumes. E isso Lula não fez.

Um juízo mais conclusivo da administração depende evidentemente das expectativas iniciais do eleitor. Para quem não esperava nada ou temia o caos, Lula foi uma grata surpresa. Já para quem apostava no PT da ética e dos princípios republicanos, a gestão revelou-se desastrosa. Façam suas escolhas. (FSP)

Como podemos verificar, o fragmento (9) retoma e sintetiza tanto as teses quanto os argumentos apresentados de cada uma das camadas-teses.

No tocante ao *script*, ele foi localizado nos trechos do tipo de discurso misto narrativo-teórico. Para Bronckart (1999, p. 238):

> Em numerosos segmentos pertencentes à ordem do NARRAR, podemos observar que os acontecimentos e/ou ações constitutivas da história são simplesmente dispostos em ordem cronológica, sem que essa organização linear registre qualquer processo de tensão. Essa forma de organização linear é geralmente chamada de **script.**

Quando os articulistas estão numa disjunção com as coordenadas da ação de linguagem, é possível entrevermos o uso do script, por exemplo:

(10) Aliou-se ao que de pior existe na política brasileira. Emblemático disso foi que seu outrora inimigo político José Sarney fez questão de acompanhá-lo na viagem de saída. Na política externa, aliou-se a quem se marca pelo desrespeito à democracia, aos direitos humanos e até pelo cultivo de coca, optando por um terceiro-mundismo com ranço de antiamericanismo da esquerda de 50 anos atrás. Disse ser "gostoso (...) terminar (...) vendo os EUA, (...) a Europa (...) o Japão em crise", ignorando que com isso o Brasil perde exportações. No plano ético, procurou justificar o injustificável, como o mensalão e outros deslizes de companheiros.

No fragmento (10), Roberto Macedo discorre sobre as ações de Lula durante seus oito anos de governo, mostrando a relação do presidente com outros políticos do país e suas questionáveis alianças políticas. Por meio do *script*, é possível apreender a posição do jornalista.

Conforme Bronckart (1999), a segunda camada do folhado textual refere-se aos mecanismos de textualização, que são séries isotópicas que contribuem para uma coerência temática, articulada pelo destinatário em grandes articulações hierárquicas, lógicas e/ou temporais do texto. Distinguimos três mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal (BRONCKART, 1999, p. 263).

Os mecanismos de conexão servem para articular a progressão temática por meio de organizadores textuais. Esses organizadores podem marcar a transição entre tipos de discurso ou entre tipos de sequência ou outra forma de planificação, podendo, também, articular frases (BRONCKART, 1999, p. 264).

Quando os conectores assinalam a transição entre tipos de discurso, assumem a função de "segmentação" e, quando assinalam a transição entre tipos de seqüências, têm função de "demarcação" ou "balizamento". Os conectores ainda podem "explicitar as modalidades de integração das

frases sintáticas à estrutura que constituiu a fase uma sequência ou outra forma de planificação" (BRONCKART, 1999, p. 264), tendo assim, função de "empacotamento". E por último, os mecanismos de conexão podem articular duas frases sintáticas em uma só frase, exercendo a função de "ligação" (coordenação) ou de "encaixamento" (subordinação).

Algumas dessas funções foram encontradas no *corpus*, sobretudo conectores com função de segmentação e encaixamento. Analisemos os seguintes segmentos, nos quais podemos notar a passagem de um tipo de discurso ou de uma das fases de uma sequência para outra por meio de um determinado conector:

- **Conectores com função de segmentação:**

(11) Passada a eleição, acho que é hora de um balanço dos oito anos de Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência da República. Façamo-lo pelo método cebola, que é o de analisar por camadas **(discurso interativo)**.
Numa primeira leitura, a administração foi um sucesso. Provam-no os mais de 80% de popularidade obtidos pelo mandatário e, principalmente, o fato de ter conseguido fazer seu sucessor, mesmo sendo ele Dilma Rousseff **(discurso teórico)**.

- **Conectores com função de empacotamento:**

(12) Voltando a Lula, os brasileiros ainda não ficamos todos malucos. Sua gestão é bem avaliada porque tem resultados bastante positivos a exibir, especialmente no campo econômico. Para além do fato de o Brasil ter passado sem grandes solavancos pela crise mundial, a pior desde 1929 [...] (fase dos argumentos da tese 1 do artigo).
Numa segunda camada, porém, acho que dá para afirmar que o PT não é o único --e nem mesmo o principal-- artífice da bonança econômica (fase da apresentação da tese 2).

- **Conectores com função de ligação:**

(13) Ele trouxe um senso de urgência **e** uma visão do país que nossos outros presidentes não trouxeram: a do Brasil miserável, cujos problemas são urgentes há séculos **e** cujas soluções são a chave para o progresso.

- **Conectores com função de encaixamento:**

(14) Lula também não perdia chance de dar o troco, **embora** as limitações impostas pelo cargo impedissem excessos, mesmo a ele que não liga muito para o protocolo. **Assim mesmo, antes de** uma entrevista coletiva em pleno número 10 de Downing Street, residência e local de trabalho dos primeiro-ministros britânicos, em uma sala lotada de jornalistas, ele me chamou à mesa para uma "condecoração": o escudo do Corinthians, sabendo que sou palmeirense, o que equivalia a cravar uma estaca de madeira no coração.

(15) Num País em que as elites políticas, econômicas e intelectuais, **apesar de** não terem conseguido governar com generosidade, nunca largaram as rédeas do governo, a irrupção de um metalúrgico no Planalto deve ser compreendida sem ira nem ressentimento.

Os mecanismos de coesão nominal tanto podem introduzir temas e/ou personagens, quanto assegurar sua retomada ou substituição no desenvolvimento do texto, fazendo com que o produtor do texto organize as informações novas e as já fornecidas por meio de cadeias referenciais formadas por sintagmas nominais e pronominais (BRONCKART, 1999, p. 268). Vejamos como as cadeias referências se organizam no gênero artigo de opinião:

No texto "Lulamania, o teste", que reproduzimos totalmente quando da nossa explicação sobre as sequências argumentativas, ocorre a seguinte cadeia referencial:

{Lula, **sua era**, **seu governo**, nosso presidente, o democrata, Lula, o maior presidente do Brasil, ele, Lula, Lula, **seu abraço ao capitalismo, sua sensibilidade biográfica**, o, Lula, Lula, **sua ungida**, lo, Lula, ele, sua biblioteca}

Na cadeia referencial desse texto, vemos que Lula tem a maior cadeia referencial do artigo em questão. O autor desse artigo, Sergio Malbergier, defende a política econômica e social empreendida por Lula durante seus oito anos de governo, sendo também simpático à figura do presidente. Na cadeia referencial acima, o referente Lula é várias vezes retomado por meio do pronome possessivo seu/sua e um substantivo. Segundo Fávero (2002, p. 23), a coesão referencial acontece ou por substituição ou reiteração, sendo esta realizada pela repetição de expressões e itens lexicais no texto. Através da repetição da expressão *seu/sua* e um substantivo, podemos entrever todas as qualidades que o articulista atribui a Lula, credenciando-o, portanto, a ser capaz de realizar e ter realizado um bom governo.

Observemos a seguinte cadeia referencial do artigo "Lula nem ótimo, nem bom":

{ex-presidente Lula, o, Lula, dele, Ø, Ø, Lula, Ø, dele, ele**, como um peão em rodeios, Lula**, o, Ø**, como comandante de um barco encalhado por uma estiagem, no leito seco de um rio**, o comandante, Ø, Ø, Ø, Ø, Ø, Ø, Ø, Ø, Ø, Ø, Ø, Ø, seu outrora inimigo político José Sarney, Ø, Ø, Ø, lo, Ø, Ø, **como o maior comunicador da TV brasileira**, Lula, Ø, Lula, Lula, sua experteza, **como comunicador**, **como cidadão incomum**, Ø, **como um iluminado**, o, Ø}

Aqui, o que notamos é uma grande ausência de pronome, havendo ao menos duas sequências nas quais o referente Lula não é retomado de forma nenhuma. Essas sequências foram encontradas justamente na planificação do *script*, o qual apresenta as ações realizadas por Lula durante o seu governo. Ao apagar o referente Lula, o articulista deixa em destaque as ações executadas pelo ex-presidente:

(16) **Ø** Aliou-se ao que de pior existe na política brasileira. Emblemático disso foi que seu outrora inimigo político José Sarney fez questão de acompanhá-lo na viagem de saída. Na política externa, **Ø** aliou-se a quem se marca pelo desrespeito à democracia, aos direitos humanos e até pelo cultivo de coca, optando por um terceiro-mundismo com ranço de antiamericanismo da esquerda de 50 anos atrás. **Ø** Disse ser "gostoso (...) terminar (...) vendo os EUA, (...) a Europa (...) o Japão em crise", ignorando que com isso o Brasil perde exportações. No plano ético, **Ø** procurou justificar o injustificável, como o mensalão e outros deslizes de companheiros.

Ainda observando a cadeia referencial do texto 2, notemos o que está em negrito. A coesão referencial por reiteração também é utilizada nas expressões introduzidas pelo comparativo "como" seguidas de expressões nominais definidas, que permitem ao autor do artigo, Roberto Macedo, criticar e ironizar a figura de Lula, comparando-o com um peão, com um comandante de um barco furado, com o maior comunicador da televisão do país, Chacrinha. Por meio dessas expressões, podemos entrever o ponto de vista do articulista.

Para a coesão verbal, Bronckart (1999) propõe três parâmetros para sua análise: os processos, vinculados à aspectualidade, os eixos de referência, vinculados à temporalidade, e a duração psicológica associada ao ato de produção. Para a análise desses parâmetros faremos como Bronckart (1999), ou seja, aliar a coesão verbal com os tipos de discurso.

Como dissemos acima, o gênero textual artigo de opinião pertence à ordem do NARRAR, sendo, deste modo, um gênero cujo discurso é disjunto do mundo ordinário do ato de produção e essa disjunção é marcada pela presença de uma origem espaço-temporal da qual se desenvolverão o conteúdo temático, o início do processo narrativo e a duração associada ao ato de produção, chamado de "eixo de referência temporal".

Para a coesão verbal, Bronckart (1999) propõe três parâmetros para sua análise: os processos, vinculados à aspectualidade, os eixos de referência, vinculados à temporalidade, e a duração psicológica associada ao ato de produção. Para a análise desses parâmetros, faremos como

Bronckart (1999), ou seja, aliaremos a coesão verbal com os tipos de discurso.

O tipo de discurso teórico é predominante nos artigos de opinião que analisamos, estando ele nos tipos de discurso mistos, narrativo-teórico e interativo-teórico, ou em trechos em que aparece sozinho. Sendo da ordem do EXPOR, esse tipo de discurso é conjunto ao mundo ordinário do agente-produtor, pois há ausência de qualquer origem espaço-temporal. O discurso teórico também é autônomo com relação aos parâmetros do ato de linguagem, sendo o conteúdo organizado por ele apresentado como se tivesse uma validade absoluta, ilimitada no tempo-espaço. Vejamos o seguinte fragmento:

(17) Ao **sair**, disse que foi fácil **governar**, mas a facilidade veio das duas ondas citadas, e também porque não enfrentou seriamente gravíssimos problemas. Como na infraestrutura, na saúde, na segurança e na previdência, entre outros. Também disse que pode **ensinar** a **governar**, mas quem precisa de ajuda é porque está difícil. **Colocar** gente no Bolsa-Família é fácil, com a economia gerando mais impostos, mas **promover** bolsistas via educação e trabalho é difícil, e não teve a mesma atenção.

Neste fragmento, há um grande uso dos verbos no modo infinitivo, ou seja, um apagamento da origem temporal do verbo e da pessoa verbal, mas, pelo contexto, sabemos que o autor do artigo se refere ao presidente Lula. Os verbos no infinitivo trazem para a ação do verbo uma validade absoluta, quer dizer, quando o autor do artigo mostra que Lula disse que foi fácil governar, é para criticar não somente os oito anos do governo Lula, mas, sobretudo, o seu modo de governar e o conceito que o presidente tem do que é ser um governante.

No tipo de discurso misto narrativo-teórico, observamos uma organização lógico-argumentativa característica do discurso teórico, mas uma coesão verbal próxima do tipo de discurso narração. Vejamos o fragmento a seguir:

(18) Seu abraço ao capitalismo **anulou** a bestialidade da esquerda, **fechou** o consenso em torno da estabilidade político-econômica e **liberou** o nosso potencial. Sua sensibilidade biográfica o **levou** a valorizar o salário mínimo, as transferências de renda e o controle da inflação. Mais de 30 milhões de brasileiros **emergiram** da pobreza ao consumo, fortalecendo nosso mercado interno e dinamizando toda a economia.

Pelo comportamento verbal, percebemos que o mundo discursivo é situado num outro lugar, num outro tempo. No entanto, esse espaço deve ser avaliado ou interpretado pelos seres humanos que lerão o texto, pois o conteúdo disjunto criado é resultado das representações que o agente-

produtor, Sergio Malbergier, no caso, tem do conteúdo temático. Para Bronckart (1999, p. 154), há o NARRAR realista e o NARRAR ficcional, sendo o primeiro o que encontramos no trecho acima. Pelo NARRAR realista as ações expressas pelos verbos aconteceram, mas a avaliação dessas ações dependerá do agente-produtor.

Nos artigos de nosso *corpus* nos quais há críticas veementes ao governo Lula, os verbos que mostram as ações do presidente num tempo no passado são avaliados negativamente pelo autor do artigo.

Os mecanismos enunciativos são os últimos níveis em que o texto se organiza. Nesta camada, analisam-se as vozes presentes no texto e as modalizações. Os mecanismos enunciativos contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto, fazendo emergir as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) sobre aspectos do conteúdo temático, bem como as fontes dessas avaliações (BRONCKART, 1999, p. 319). De acordo com Lousada (2010), esses mecanismos dão a clarificação dialógica do texto por meio das vozes e das modalizações.

Para Bronckart (1999), as vozes são as entidades que assumem a responsabilidade do que é enunciado. Elas podem ser tanto a voz do autor (que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém com comentários ou avaliações do conteúdo temático) como vozes de personagens (seres humanos ou entidades humanizadas) e vozes sociais (de grupos ou instituições).

Para mostrar nossas análises dos mecanismos enunciativos, escolhemos dois artigos de opinião em português, que resumem bem nossos resultados sobre esse terceiro nível de análise do folhado textual. Os textos 1 e 2 do nosso *corpus* em Língua Portuguesa foram escolhidos para mostrar o modo como é organizada a gestão de vozes nos cinco artigos de opinião.

Em nosso corpus de Língua Portuguesa, encontramos quatro vozes em interação:

- **voz dos próprios autores:** que exprime a posição do autor do texto e sua tese de partida;
- **voz de Lula como personagem:** que mostra Lula como um agente de ações;
- **voz da política brasileira (voz social):** como uma instância na qual os autores se apóiam tanto para exprimir o ponto de vista quanto para regular as ações de Lula;
- **voz social dos supostos leitores dos jornais:** como estes são considerados pelo produtor do texto.

- **Voz dos autores**

Consideramos como voz do próprio do autor as passagens nas quais o jornalista e o economista interferem no conteúdo temático por meio do pronome "eu" ou "me" e apresentam suas teses, como:

(19) Os preconceituosos que **me** perdoem, mas **Lula foi o maior presidente do Brasil até aqui**. E justamente pelo motivo que o diferencia de todos os seus antecessores: **sua origem. Lula foi o nosso primeiro presidente oriundo da base da base da pirâmide social** (FSP)

(20) Se ouvido na última pesquisa sobre o desempenho do ex-presidente Lula, **eu** estaria entre os 17% que o viram de regular para baixo. Ao estudar, **fui** ensinado a não **me** iludir com aparências, e **o que predomina é uma versão de ótimo e bom que não corresponde aos fatos.** (O ESP)

- **Voz de Lula como personagem**

A voz Lula como personagem é a mais corrente nos dois artigos analisados, nos quais são elencadas as ações do ex-presidente, que fazem os articulistas terem um posicionamento sobre estas ações. Este segundo modo de voz encontrado pode ser visto no jornal "Folha de São Paulo" em:

(21) **Ele trouxe um senso de urgência e uma visão do país que nossos outros presidentes não trouxeram:** a do Brasil miserável, cujos problemas são urgentes há séculos e cujas soluções são a chave para o progresso. (FSP)

(22) **Lula entendeu finalmente que não a luta, mas a união de classes seria a chave do desenvolvimento brasileiro**. (FSP)

(23) **Lula colocou os dois extremos do país no mesmo eixo de desenvolvimento**. (FSP)

(24) **Seu abraço** ao capitalismo **anulou a bestialidade da esquerda**, **fechou o consenso em torno da estabilidade político-econômica** e **liberou o nosso potencial**. Sua sensibilidade biográfica **o levou a valorizar o salário mínimo, as transferências de renda e o controle da inflação**. Mais de 30 milhões de brasileiros emergiram da pobreza ao consumo, fortalecendo nosso mercado interno e dinamizando toda a economia. (FSP)

No jornal "O Estado de São Paulo"

A voz de Lula como personagem também pode ser encontrada no jornal "O Estado de São Paulo" nos seguintes trechos:

(25) **Surfou em duas ondas muito favoráveis**. A externa, um crescimento ímpar da economia mundial, trouxe não só um melhor desempenho do produto interno

bruto (PIB), mas também a superação de grave problema com que o Brasil se deparava havia muitas décadas, a tal escassez de divisas, responsável por muitas crises econômicas... A outra boa onda foi no plano interno, vinda dos governos Collor, Itamar e FHC, com negociação da dívida externa, ajustes nas finanças públicas, inclusive privatizações, e abertura da economia. (O ESP)

(26) **Lula nunca reconheceu** bem essas boas ondas. Sofismando, **toma o que veio de bom depois dele como resultado de sua ação**. Como corolário, o ruim não é com ele. (O ESP)

(27) **Ao administrar, foi um desastre na área de pessoal**, contratando mais sem maiores critérios, expandindo cargos providos sem concurso - em cuja elite hoje predominam companheiros sindicalistas -, **e pagando salários bem maiores que os do mercado de trabalho**, **agravados pela aposentadoria privilegiada, que não conseguiu resolver**. Também **tornou obscuras e mais frágeis as contas governamentais**, **até mudando critérios de avaliação do superávit primário e expandindo fortemente a dívida bruta, além de usar boa parte do primeiro dinheiro do pré-sal para tapar buracos nessas contas**. (O ESP)

- **Voz da política brasileira**

Encontramos a voz da política brasileira como uma voz social, nos fragmentos que se seguem:

(28) Lula foi o **nosso primeiro presidente** oriundo da base da base da pirâmide social (FSP) (Texto 1)

(29) **Como Vargas, pai dos pobres, mãe dos ricos, Lula** colocou os dois extremos do país no mesmo eixo de desenvolvimento (FSP) (Texto 1)

(30) **Os 16 anos de Fernando Henrique Cardoso e Lula** deram ao país rumo claro e confiança para enfrentá-los (FSP)

No jornal "O Estado de São Paulo"

(31) **vinda dos governos Collor, Itamar e FHC**, com renegociação da dívida externa, ajustes nas finanças públicas, inclusive privatizações, e abertura da economia, dando- lhe maior estabilidade e eficiência (O ESP)

(32) Emblemático disso foi **que seu outrora inimigo político José Sarney** fez questão de acompanhá-lo na viagem de saída (O ESP)

(33) No plano ético, procurou justificar o injustificável, como o **mensalão** e outros deslizes de companheiros (O ESP)

- **Voz dos leitores do jornal "Folha de São Paulo"**

(34) **Os preconceituosos que me perdoem**, mas Lula foi o maior presidente do Brasil até aqui (FSP).

(35) Ouso dizer que vamos sentir saudades do presidente**, mesmo aqueles que amam odiá-lo** (FSP).

Considerações Finais

A partir de todas as análises feitas, acreditamos que este trabalho possa auxiliar, sobretudo, professores de Língua Portuguesa ao trabalharem com o gênero artigo de opinião em sala de aula. Ao propormos uma descrição dos aspectos linguístico-textuais do gênero artigo de opinião, estamos primeiramente ampliando os estudos já existentes e possibilitando que os professores tenham subsídios para a construção de modelos didáticos desse gênero textual para, posteriormente, elaborarem sequências didáticas (SDs). A SD deve permitir, qual seja o gênero textual a ser ensinado, o desenvolvimento de três tipos de capacidades de linguagem mobilizadas durante a produção do texto: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico discursivas (LOUSADA, 2006). No entanto, as SDs têm de estar baseadas num modelo didático do gênero; daí o interesse de nosso trabalho.

Tendo em vista a necessidade do ISD em completar o modelo de análise textual (BRONCKART, 2004), nosso trabalho colocou em evidência que as estruturas linguísticas e a construção da argumentação nos textos opinativos da mídia são pensadas em face do contexto social e valorativo, impondo, desse modo, a consciência do agir regulado por normas sociais quando se quer argumentar.

Pensando nas contribuições futuras de nosso trabalho, podemos dizer que uma SD sobre o gênero artigo de opinião, baseada no modelo didático do gênero artigo de opinião que apresentamos neste trabalho, poderia permitir que os alunos se posicionassem ativamente diante deste gênero, de modo que a estrutura linguística e discursiva que esmiuçamos atue no processo de aprendizagem dos estudantes para a construção de enunciados significativos e que interajam com textos e com vozes sociais.

Referências Bibliográficas

ADAM, Jean-Michel. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães *et al*. São Paulo: Ed. Pontes, 1976.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

_____.Gêneros textuais, tipos de discursos, e operações psicolinguísticas. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 11, p. 49-69, 2003.

_____. Commentaires conclusifs. Pour une développement collectif de l'interactionnisme socio-discursif. In: *Calidoscópio*, São Leopoldo-RS, v. 2, n. 2, p. 113-123, jul/dez 2004.

DOLZ, Joaquim. SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em exmpressão oral e escrita : elementos para reflexões sobre um experiência suíça (francófona). *Enjeux*, Genebra, 37/38. Trad. De Roxane Rojo, 1996.

FAVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerências Textuais*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. La séquence didactique: on outil qui peut contribuer à l'autonomie du professeur**.** *Rencontres (PUCSP)*, São Paulo, v. 10, p.223-232, 2006.

_____.A abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise de textos. *Revista eletrônica do Encontro de Pós-graduandos em Estudos Discursivos da USP*, São Paulo, v. 2, 2010. Disponível em: <http://www.epedusp.org/IIepedlivro/index.htm>. Acesso em: 8 fev. 2012.

MACHADO, Anna Rachel. *O Diário de Leituras*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Para re(pensar) o ensino de gêneros. *Caleidoscópio*, São Leopoldo-RS, v. 2, n. 1, p. 17-28, 2004.

_____.A Perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p.237-259.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard. *Genres et types de discours*: Considérations psychologiques et ontogénétiques. In: Y. Reuter (ed.) Les Interactions Lecture-Écriture, pp. 155-174. Berne: Lang. 1994.

SOUZA, Lusinete Vasconcelos de. As ações do professor : a análise compartiva entre o trabalho prescrito e trabalho realizado sobre o discurso argumentativo do editorial de jornal. In : NASCIMENTO, Elvira Lopes (org). *Gêneros Textuais : da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos : Claraluz editora, 2009.

WEINRICH, Henri. **Le temps**. Paris: Seuil. 1973.

[i] E-mail do autor: thiagojorgefs@gmail.com